



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo Temático - Educação de crianças de 0 a 6 anos

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

Fernanda Maria Santos Albuquerque/ UFPE-CAA

Isailda Isaias da Silva/UFPE-CAA

Resumo

O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada no âmbito de uma disciplina de um curso de Pedagogia, cujo objetivo foi investigar a influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem com dezessete crianças entre cinco e seis anos de idade. Entendendo a relevância da relação afetiva no campo educacional, e em especial quando se restringe o campo à educação infantil, buscamos cientificamente a compreensão deste fator inegavelmente presente no processo de ensino-aprendizagem. Organizamos esse texto em cinco momentos. No primeiro momento deixamos clara a presença da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, embora esta se encontre submissa aos aspectos racionais. No segundo momento descreveremos em termos metodológicos como realizamos nossa pesquisa e prática pedagógica, apresentando estratégias específicas que garantiram a obtenção de informações em prol do alcance de nosso objetivo. No terceiro momento apresentaremos trechos de fala de nossos sujeitos, bem como relatos de nossas observações, de forma a aproximar o leitor de situações concretas que abordam e explicitam esta temática. Em seguida, traremos nossas apreciações parciais da situação observada e finalizaremos com algumas considerações acerca de nossa experiência.

Palavras-chaves: Afetividade, cognoscibilidade, processo de ensino-aprendizagem.

A construção de um conhecimento altamente envolvente

Ao examinar o cotidiano de uma sala de aula, torna-se possível perceber a supremacia dos aspectos objetivos sobre os subjetivos. A afetividade como componente dos aspectos subjetivos, se encontra submissa - quando não esquecida - se comparada ao conhecimento a ser adquirido e à metodologia utilizada para tal. Fato passível de explicação ao se considerar a influência dos princípios e métodos administrativos

vigentes na empresa capitalista. Dessa forma, a visão de grande parte dos autores na área de educação está alicerçada em formas técnicas e racionais em nome da eficiência, desconsiderando o antagonismo de objetivos empresariais e educacionais.

Sobre isto, Piletti (1991) vem nos dizer que a educação “ultrapassa a simples aprendizagem e, para ocorrer, requer vida social, o trabalho coletivo, sendo a educação resultado da convivência social dos alunos entre si e com o professor”. (p. 232).

É neste meio sociocultural em que o sujeito está integrado, que a afetividade se faz presente. Entendemos a afetividade como convivência harmônica dos indivíduos, produtora de autoestima em quaisquer sujeitos envolvidos no processo educacional, e de significado dos acontecimentos e objetivos presenciados. É importante ressaltar que, no decorrer do desenvolvimento do processo educacional, os vínculos afetivos ampliam-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem. Sobre isto, Fernández (1991) vem nos dizer que:

Para aprender necessitam-se os dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos (...) não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. (p. 47 e 52).

A afetividade, portanto, não se acha excluída da cognoscibilidade e, se dotada de reciprocidade, disponibiliza diversos elementos que potencializam o desenvolvimento do aluno no âmbito social, psicológico e cognitivo. Consideramos importantes as ideias de Krueger (2003, p.30) que se mostra convicto quanto ao papel fundamental da afetividade nas correlações psicossomáticas básicas, além da influência decisiva em relação à percepção da memória, ao pensamento, à vontade e às ações. E, com intuito de reforçar tais ideias, gostaríamos de pedir licença leitor e o fazer lembrar de seu período escolar, de algum tipo de mau rendimento disciplinar atrelado a uma má relação educador-educando. Desse modo, é importante a compreensão de que:

O aluno ao entrar na escola, não deixa para fora da sala de aula os aspectos afetivos que compõem sua personalidade, e ao interagir, com objetos de conhecimento, mostra a relação entre afeto e intelecto nas suas interações, no seu pensar e no seu agir. (CORRÊA, 2008, p. 13)

Considerando a relevância afetiva na construção do conhecimento e sua correspondência às chances de sucesso ou fracasso escolar, gostaríamos de conceituar o

aspecto subjetivo afetivo como componente essencial da harmonia, do equilíbrio e do desenvolvimento psico-cognitivo humano.

Caminho metodológico percorrido

Considerando que nosso estudo tem como foco a sala de aula do maternal II, da Escola Municipal Capitão José Primo (utilizamos nomes fictícios para preservar a instituição e os sujeitos), que atende apenas ao ensino pré-escolar, em um município do interior de Pernambuco e levando em conta o seu contexto e seus elementos, optamos por um estudo de caso do tipo etnográfico, pois segundo André (2008), “o estudo de caso do tipo etnográfico possibilita uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade complexa” (p.49).

Utilizamos a abordagem qualitativa do tipo etnográfico, pois assim tivemos uma aproximação maior com a realidade, e assim conseqüentemente um contato maior com os sujeitos pesquisados. Pois de acordo com André (2008) essa abordagem leva em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. (p. 17).

A escolha do campo se deu por indicação de outros profissionais da educação.

Optamos pelo uso da observação participante que, segundo Silveira (2003) “requer um certo tempo, um certo envolvimento e uma descrição maior dos fatos e atitudes mais flexíveis de coleta e de entendimento da realidade estudada, pois, esta não tem como pretensão a mudança desta realidade pesquisada.” (p. 3)

Quanto à necessidade de obter dados que facilitassem a obtenção de informações em prol do alcance de nossos objetivos decidimos recorrer a questionários que, segundo Oliveira, podem ser definidos como uma técnica para a obtenção de informações sobre todo e qualquer dado que o pesquisador (a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo. (2007, p.83) e de entrevistas, pois trazem “[...] a vantagem de envolver uma relação pessoal entre pesquisador/sujeito, o que facilita um maior esclarecimento de pontos nebulosos.” (MOROZ, 2006, p. 79).

A entrevista foi realizada sob amostragem, o que permite a representação do universo pesquisado por parte de um subconjunto (selecionado por meio de sorteio) do mesmo.

Os dados foram organizados em grelhas, pois “facilitam os procedimentos de agrupamentos, de classificações.” (FRANCO, 2008, p. 70). A realização da análise de conteúdo, método usado para a discussão dos primeiros dados, se deu a partir da “criação de categorias, e conseqüentemente, a efetiva possibilidade de inferir, analisar e interpretar os dados” (FRANCO, 2008, p. 70).

A afetividade no processo de ensino-aprendizagem em uma escola da rede municipal de Sairé-PE

Gostaríamos de salientar que tivemos como problema de estudo entender a influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, de modo que objetivamos observar se havia afeto na convivência entre os sujeitos e identificar as possíveis reações no desenvolvimento da turma. Tendo como sujeitos dezessete alunos e duas professoras, totalizando dezenove sujeitos que serão tratados como A1, A2, A3, aos alunos e P1, P2 para as professoras, assim identificados no quadro em que expomos as entrevistas e os questionários realizados.

Questionário aplicado às professoras.

Sujeitos	P1	P2
Perguntas		
1- O que você acha da relação existente entre você e os alunos?	É uma forma de poder ajudá-los a desenvolver o seu desempenho como companheira e amiga deles.	Uma boa relação, porque eles são crianças ótimas de lidar com elas.
2- Você acha que a relação mantida entre você e os alunos é uma relação de afetividade?	Sim.	Sim. Porque quando é necessário eu falo sério, mas eu tenho o maior carinho por eles.
3- Quais os elementos você considera ser elementos de afetividade?	É a compreensão, o afeto, o companheirismo e o carinho.	O amor, o carinho.

4- Quando você se dirige aos seus alunos de forma afetuosa, percebe alguma reação? Qual?	Sim. O prazer, porque o aluno espera algo que ele se sinta motivado.	Sim, a falta de carinho por parte da família em alguns deles.
5- Você acha importante manter um contato físico com os alunos de forma que seja possível a troca de carinho?	Sim. Porque para o aluno nos professores somos quase como uma mãe.	Sim, porque os alunos muitas vezes só têm o carinho das professoras.
6- Na sua concepção a afetividade contribui em que no desenvolvimento dos alunos?	No respeito, na frequência, na responsabilidade e no compromisso que o aluno tem na escola de aprender.	Contribui no respeito com o outro.
7- Você percebe algum sentimento no aluno quando você mantém uma aproximação na realização das atividades?	Sim.	Sim, o sentimento de carinho que eles têm por nós em estarmos ensinando a eles realizarem as tarefinhas.
8- Qual sua avaliação sobre o desenvolvimento da turma como um todo?	É o comportamento do aluno, a relação de um com os outros, o coleguismo e a aprendizagem dele.	Ótima, pois eles pegam os conteúdos ensinados com facilidade.

Entrevista aplicada aos alunos

Sujeitos	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8
Perguntas								
Você acha que sua professora se preocupa	Sim. (sinalizando)	Sim, ela gosta de mim.	Acho.	Sim, porque ela	Não.	Sim (acenando).	Quando eu fico doente, eu não	Fica.

com você?				arenga.			sei.	
O que você sente quando ela é carinhosa?	Eu gosto, ela não arenga não.	Eu acho que é bom.	Carinho.	Fico feliz.	Não, fico triste.	Eu me sinto bem.	Feliz.	Fico feliz.
Quando sua professora quer falar com você, ou chamar sua atenção o que é que ela faz?	Bota tarefinha pra nós.	Tarefa, só manda prestar atenção.	Ela manda prestar atenção.	Manda prestar atenção, arenga.	Bota de castigo.	Reclama.	Silêncio!	Arenga, fica brava.
Qual a sua reação?	Escrevo.	A gente fica quietinho.	Fico quietinha em silêncio.	Vou para minha cadeira.	Fica quietinha.	Fico calado.	Fico calada.	Fico brava.
O que você acha da sua relação com a professora?	Eu gosto delas.	Ela gosta de todo mundo.	Eu gosto dela e ela gosta de mim.	Ela gosta de mim.	Eu gosto e ela também.	Boa.	Legal.	Legal

Durante as trinta horas em que tivemos contato direto com o fenômeno observado pudemos notar que, no cotidiano escolar observado, o afeto é um elemento presente na relação que as professoras mantinham com seus alunos, sendo possível identificar pela proximidade que existia entre eles. Pois como uma das professoras nos respondeu, quando a questionamos sobre o que ela achava da relação existente entre ela e os alunos a mesma nos afirmou que: “é uma forma de poder ajudá-los a desenvolver o seu desempenho, como companheira e amiga deles” (P1, JUNHO, 2011), e reconhecendo assim sua relação com os alunos como uma relação de afetividade.

Foi possível compreender que o afeto foi demonstrado por elementos identificados como sentimentos, como é perceptível na fala das professoras quando a indagamos sobre quais são os elementos dessa relação e elas destacaram: “o amor e o carinho” (P2, JUNHO, 2011). “a compreensão, o afeto, o companheirismo e o carinho” (P1, JUNHO, 2011).

Dessa maneira os sentimentos apresentados acima estão sempre em meio à interação entre as professoras e os alunos. Pois temos a convicção “que as interações que ocorrem, no contexto escolar são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos” (LEITE; TASSONI, apud SADALLA 2002, p. 2). Compreendemos que o carinho citado pelas professoras é realmente expresso e sentido de forma agradável pelos alunos que, ao responderem o que sentiam quando as professoras eram carinhosas, disseram:

-“Eu acho que é bom” (A2, JUNHO, 2011).

-“Fico feliz” (A4, junho, 2011).

-“Eu me sinto bem” (A6, JUNHO, 2011).

Observa-se que os alunos expressam carinho pelas professoras como pudemos observar no momento do intervalo onde as crianças abraçavam e cercavam uma das professoras com aparente afeto.



Pátio da escola, onde as crianças recreavam. Fotografado em 24 de maio de 2011.

Outro elemento que percebemos na composição da relação afetiva foi o diálogo, pois esse favorece o caminho para uma maior aproximação entre as professoras e os alunos, onde ambos podem se conhecer melhor e como elemento que motiva a aprendizagem. A qualidade do diálogo que se estabelece entre o educador e o educando “*leva todo o ensino para os numerosos (des)caminhos possíveis.*” (MARCHAND, 1985, p.19). Esse componente da relação afetiva foi observado em certo momento quando uma das professoras observadas parou a leitura e se dirigiu a um aluno que aparentava estar doente, ela chegou perto dele e o perguntou se estava tudo bem, conferiu sua temperatura e ao verificar que estava tudo certo deu continuidade à leitura.

Observa-se a importância da aproximação da professora com o aluno, pois “o olhar atento e ouvir são pré-requisitos para uma fala significativa do professor” (GASPAR, 2004, p. 136). O ambiente escolar aqui, também é de grande importância e sobre este observamos um espaço lúdico e acolhedor, que possui pinturas, possibilidades de jogos e propõe uma maior interação dos alunos (visto que sentam em grupo).



Sala de aula, fotografada em 24 de maio de 2011.



Sala de aula, fotografada em 24 de maio de 2011.

Quanto às influências da afetividade sobre os aspectos cognoscíveis, pudemos ver seu reflexo no “respeito, na frequência, na responsabilidade e no compromisso que o aluno tem na escola de aprender” (P1, JUNHO, 2011), como reconhece a P1, quando a questionamos em que, na sua concepção, a afetividade contribuía no desenvolvimento dos alunos.

Dessa forma acreditamos que “a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor” (LEITE; TASSONI, apud SADALLA 2002, P. 14).

Entendemos que existe uma inegável relação entre os aspectos subjetivos e objetivos no dia a dia de uma sala de aula, pois ao questionarmos as professoras sobre qual sua avaliação sobre o desenvolvimento da turma como um todo obtivemos a seguinte resposta: “Ótima, pois eles pegam os conteúdos ensinados com facilidade” (P2, JUNHO, 2011).

Apreciação parcial da situação apresentada

Podemos notar ao longo da análise dos dados coletados a relação afetiva existente entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem do ensino pré-escolar. Seus integrantes estão submetidos a interações psicológicas recíprocas que, segundo Marchand (19985, p.11), “muitas vezes, os modificam profundamente”. E é em função disto e da característica móbil das relações que se torna praticamente impossível a consideração de um sem o outro, de modo que não se admite o estudo dos aspectos subjetivos, bem como qualquer outro aspecto que componha o cotidiano de uma sala de aula, a partir apenas de um foco: o do educador, sob a justificativa que se apoia em sua maturidade e formação, negligenciando o ponto de vista do educando. Há que se considerar a apreciação do educando, estando disposta a uma nova perspectiva, perspectiva esta que negue os limites de uma educação que adota o conceito de eficiência e os objetivos da lógica capitalista.

Notamos as implicações benéficas desta interação harmônica no processo educacional - problemática nossa, contudo, gostaríamos de destacar algumas situações que podam qualquer possibilidade de uma convivência harmônica dentro da sala de aula. Uma dos fatores que torna a afetividade inconsistente, quando não inexistente, é o egoísmo do professor, como nos explicita Marchand (1985) ao apontar “*casos amorfos*”

que problematizam a afetividade dentro do processo educacional. O egoísmo, segundo o mesmo, se transforma em razão moral do professor em prol da satisfação de seus interesses pessoais, “uma espécie de ilusão inconsciente de que tudo é assim como eu vejo e considero” (SALTINI, 2008, p.62). Este, normalmente viria precedido de uma indiferença com a vida pessoal do aluno, provocando reações mais intelectuais e didáticas que afetivas. Outro obstáculo a trocas de afeto na sala de aula é o imperialismo desmedido, no qual há o desejo de conquista das crianças; a submissão destas viria por meio de atitudes afetuosas, mas que não deixam de ser constrangedoras pela exigência arbitrária de afeto. Por fim a não reciprocidade nas trocas também se constituiria em um obstáculo.

Saltini (2008) nos traz a diferenciação nos aspectos qualitativos e cognitivos da relação que se estabelece com o grupo como um todo e a pessoal com cada criança, sendo necessário respeito à maturidade de seus pensamentos e à sua individualidade, afirmando-nos que “cada aluno está em um ritmo de desenvolvimento e, a partir deste dado, há que se respeitar a ação no ritmo, no tempo específico de cada um” (p. 101).

E aqui acrescentamos mais uma das causas do desequilíbrio grupal em uma sala de aula, salientando a importância de se atentar para a não classificação de comportamentos dos alunos, evitando categorias como *o bom aluno*, *o malvado*, *o preguiçoso*, *o que não aprende de molde algum*, sob pena de causar o fracasso escolar desses sujeitos, pois a criança acaba acreditando em tais concepções e se auto desvaloriza, estancando o seu desenvolvimento, abnegando sua liberdade bem como suas possibilidades de mudanças.

Temos que salientar ainda a necessária postura ética do professor diante das possíveis personalidades dos seus alunos, bem como diante de suas lembranças de infância, situação familiar, social, fatores que poderão gerar situações empáticas ou adversas, conflitivas. Como Freire (1999, p.161) nos reforça ao dizer que não se pode, obviamente, permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever de professor e no exercício de sua autoridade.

Durante o tempo que passamos observando a sala de aula tivemos compreensão de como a relação afetiva é um componente essencial no contexto escolar, pois traz em seu bojo a motivação e a segurança necessária à aprendizagem. Dessa forma, os elementos identificados no contexto escolar proporcionaram um melhor esclarecimento sobre a relação afetiva mantida entre professor e aluno.

Foi através desses primeiros dados que reforçamos a compreensão de que a relação afetiva é algo que necessariamente está e deve estar presente no cotidiano escolar e que, se dispostas de forma consciente e voluntária, as trocas de afeto em sala de aula conduzirão a um enriquecimento mútuo.

Considerações finais

Sem medo de nos tornarmos repetitivas, tida a relevância epistemológica do tema tratado, finalizamos este texto reiterando a proeminência dos aspectos afetivos no processo de construção de um conhecimento altamente envolvente que arrola afeto e intelecto, questionando a aplicação da lógica do mercado aos assuntos educacionais por não examinar convenientemente os fatores históricos, éticos e políticos intrínsecos ao processo educativo e as ações humanas. Apenas dessa forma o educador deixará de se imobilizar no mundo falso da correção dos deveres, da rotina, da manutenção da disciplina e olhar o rosto de seus alunos, ânsia que compartilhamos com Marchand (1985).

Nossa esperança provém do caráter dinâmico inerente às ações humanas, caráter que, quando não coberto de preconceitos, inova. E que as inovações sejam voltadas à humanização dos homens, que ela subsidie a criação de relações saudáveis e do necessário ao momento e tempo histórico. Aqui, achamos pertinente usar as palavras de Freire (1999), grande educador comprometido com esta causa, que ao definir a prática educativa como “*afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.*” (p.161) ultrapassa a simples objetivação educacional de lidar com o conhecimento pelo conhecimento ou apenas em função de um futuro profissional.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, Marli Elisa Damalzo Alfonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. 2ª edição; Campinas, SP: Papyrus (série práticas pedagógicas). 2008

CORRÊA, Patrícia Rabello. **A dimensão afetiva do ser humano**: contribuições a partir de Piaget. São Carlos, 2008 (Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade

Federal de São Carlos, para a obtenção de diploma de graduação no curso de licenciatura em Pedagogia).

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 3ª edição. Brasília: Líber Livro editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GASPAR, Maria Aurora Dias; Formação de professores e formação interpessoais. In: **O CEFAM como espaço formador: concepções de egressos sobre professores**. Dissertação de mestrado, PUS/SP, 2001.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da educação infantil**. Revista Leonardo-Pós; Nº 3; Instituto Catarinense de Pós-Graduação; Blumenau; p. 27 – 30. 2003.

LEITE, Sérgio Antônio de Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e mediações do professor**. In: AZZI, R. G; SADALLA, A. M. F. de A. (orgs). *Psicologia e Formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. (Tradução de Maria Lúcia Spedo, Hildorf Barbanti e Antonieta Barini; Direção da Coleção Fanny Abramovich). – São Paulo: Sumus, 1985.

MOROZ, Melania. GIANFALDONI, Monica Helena Tieppo Alves. **O processo de pesquisa: iniciação**. - Brasília: Líber Livro Editora, 2ª edição, 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly de; **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Disponível em <<http://www.infanortepr.com.br/?artigo=117>> acessado em dezoito de maio de 2011 às 20h e 25min.

PILETTI, N. **Sociologia da Educação**. 9ª edição. São Paulo; Ática, 1991.

SALTINI, Cláudio J. P. (Cláudio Joao Paulo). **Afetividade e inteligência**. 5ª Ed. - Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

SILVEIRA, Ivete Souza da. **Observação Participante: um olhar encantador.** Lato & Senso, Belém, v. 4, n. 1, p. 3-5, out. 2003.

Disponível em http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/169.pdf

acessado em vinte e nove de junho de 2012 às 15h 48min.